

# Aspectos teórico-metodológicos do fenômeno referido como *palavras na ponta da língua*

(Theoretical and methodological aspects of the “tip of the tongue” phenomenon)

Marcus V. B. Oliveira<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

marcus.oliveira.fono@gmail.com

**Abstract:** This paper aims to discuss some theoretical and methodological approaches presented in studies of the so-called “tip of the tongue” (TOT) phenomenon. After a brief introduction to the issue, a pioneer study by Brown and McNeill (1966) will be discussed, alternating with other studies that follow the same methodological framework. In the next section, other approaches that have been applied to studies of TOTs in significantly lower number, such as the diary and the self observation, will be highlighted. Finally, new discussions about procedures that are consistent with a qualitative historical-cultural approach will be proposed.

**Keywords:** Tip of the Tongue phenomenon; Neurolinguistics; Qualitative research.

**Resumo:** Este artigo tem como propósito discutir algumas orientações teórico-metodológicas dos estudos das palavras que ficam na ponta da língua (TOT – Tip of The Tongue Phenomenon). Após uma breve introdução ao tema, o estudo pioneiro de Brown e McNeill (1966) será comentado, além de outros artigos que seguem com a mesma orientação metodológica. No próximo ponto, são destacadas as outras formas que têm sido aplicadas aos estudos dos TOTs, em número expressivamente menor, tais como o diário e a auto- observação. Para finalizar, são propostas novas discussões em torno de procedimentos que sejam coerentes com uma abordagem histórico-cultural de caráter qualitativo.

**Palavras-chave:** Palavras na ponta da língua (TOT); Neurolinguística; Pesquisa Qualitativa.

## Introdução

Conhecido na literatura da área como *tip of the tongue*, doravante referido como TOT, este fenômeno foi abordado pela primeira vez, enquanto investigação sistemática, em 1966, por Brown e McNeill. Estes autores definem o TOT da seguinte maneira: “If you are unable to think of the word but feel sure that you know it and that it is on the verge of coming back to you then you are in a TOT state” (BROWN; McNEILL, 1966, p. 327). Desta forma, podemos inferir que a ocorrência do TOT refere-se ao momento em que o sujeito procura uma palavra, acompanhado da sensação de que esta já vai surgir ou que já lhe escapou – o que justifica o uso da metáfora de que a palavra se encontra “na ponta da língua”.

Este fenômeno tem intrigado psicólogos por mais de um século. Em 1890, William James já diria que o estado de consciência ao qual o fenômeno do TOT se refere é peculiar, pois; “There is a gap therein; but no mere gap, it is a gap that is intensely active” (JAMES, 1890, p. 251). Esta intensa ativação se refere à sensação de saber que estamos próximos à palavra-alvo. Entretanto, se alguém nos propõe nomes que não sejam aquele único, definitivamente *singular*, nós os negaremos.

No decorrer da história do estudo desse fenômeno, os TOTs têm sido estudados quase que exclusivamente nos laboratórios, utilizando-se de uma metodologia *quantitativa*, em procedimentos que buscam afastar ao máximo a interferência da subjetividade. Mesmo os poucos estudos que se utilizam da metodologia de registro em diário analisam o fenômeno sob o mesmo prisma metodológico, servindo, muitas vezes, apenas como um direcionamento para as testagens laboratoriais. Como veremos adiante, o discurso constituído de vozes hegemônicas tem o intuito de legitimar empiricamente o fenômeno, mesmo que fora do seu contexto natural de aparecimento, o que caracteriza, por sua vez, a possibilidade de tornar este saber adequado à necessidades do dizer que se faz científico.

### O estudo de Brown e McNeill (1966)

Esta sessão se detém, em sua maior parte, na apresentação e discussão do artigo pioneiro de Brown e McNeil, intitulado *The “Tip Of The Tongue” Phenomenon* (1966), referência importante – inclusive metodologicamente, para grande parte dos estudos que se seguiram sobre o tema. O método utilizado, de natureza empírica quantitativa, buscava avaliar o fenômeno a partir da leitura de definições de palavras de baixa frequência da língua inglesa,<sup>1</sup> para um grupo de sujeitos que eram previamente instruídos sobre os TOTs. Caso a palavra-alvo “não viesse à tona”, o sujeito deveria esclarecer se não a sabia de fato ou se julgava estar em tal *estado* de TOT.

Por exemplo, para uma palavra-alvo como “berimbau”, os pesquisadores poderiam ler a seguinte definição: “instrumento africano de percussão, que consiste em um arco de madeira preso em uma cabaça, que é tocado percutindo o arame com uma vareta”. No caso de alguém que estivesse com essa palavra “na ponta da língua”, os pesquisadores buscavam informações – pistas que o sujeito pudesse dar sobre a “lembrança” da palavra – tais como: o número de sílabas, a letra inicial, palavras com som ou significados similares. Essas pistas se baseavam em duas formas de “generic recall”: (i) a retomada, por parte do sujeito, de partes da palavra-alvo e (ii) a retomada da forma abstrata da palavra. Somente depois que todos os sujeitos preenchem o questionário com esses dados e sinalizavam para continuar, os pesquisadores revelavam qual era a palavra-alvo. Nesse momento, os sujeitos que estavam nos *estados* de TOTs deveriam indicar se tal palavra era realmente aquela que eles tinham em mente. Caso não fosse, os sujeitos poderiam escrever, se lembrassem, a palavra que eles buscavam no lugar da palavra-alvo requerida pelo pesquisador. Se no decorrer do procedimento experimental a palavra-alvo surgisse (antes dos pesquisadores revelarem tal palavra), os sujeitos não deveriam continuar fornecendo as pistas que tinham.

A maior parte das questões que ainda inquietam pesquisas contemporâneas (em diferentes profundidades) surgiu desse estudo inicial, dentre as quais podemos citar a ocorrência de palavras similares enquanto se busca a palavra-alvo (com relações semânticas ou com relações sonoras), a quantidade de acertos quando mencionam qual seria a primeira letra da palavra buscada e o número de sílabas.

Um ponto importante a ser ressaltado é que os próprios autores reconhecem a dificuldade de situar os estudos dos TOTs dentro do arcabouço metodológico empírico-quantitativo,

---

<sup>1</sup> Alguns exemplos utilizados na pesquisa de Brown e McNeill (1966) são: *sextant*, *sampam*, *apse*, *nepotism*, *ambergris*, *cloaca*.

o que fica evidente quando afirmam que “the data present problems of analysis that are not common in psychology” (BROWN; MCNEILL, 1966, p. 328). Os problemas eram provenientes do fato de que nem sempre as palavras eliciariam TOTs em todo o grupo e do fato de que os sujeitos variam em sua susceptibilidade aos TOTs. Os autores chamaram essas dificuldades, no campo da teoria estatística, de “problema de dados fragmentários”. Segundo eles, a melhor coisa a fazer para contornar tais questões é reportar os dados da forma mais completa, analisando-os de diferentes formas.

No contexto das pesquisas atuais, o procedimento metodológico padrão de Brown e MacNeill (1966) é adaptado para cada indivíduo, que responde diretamente às perguntas frente a um computador, para conferir maior objetividade ao método. Outras modificações realizadas referem-se às informações previamente apresentadas aos sujeitos, bem como ao modo de apresentação. Percebe-se que, atualmente, já se utilizam figuras, sons, *totmails*,<sup>2</sup> músicas, fotos, pares de palavras associadas e até mesmo odores, na eliciação dos TOTs.

## Os estudos em diário

Apesar de existirem em número expressivamente menor, os estudos na forma de diários também são muito importantes para a análise dos TOTs, devido ao seu caráter naturalístico.<sup>3</sup> Os próprios autores Brown e McNeill (1966) recorreram à metodologia do diário para estudar os TOTs, mas chegaram à conclusão de que, devido à assistemática dos fenômenos, seria necessário encontrar uma forma de abordá-los nos laboratórios. O relato em diário requer que o sujeito anote suas ocorrências de TOTs durante um período médio de 4 semanas. Como as ocorrências não podem ser previstas, é aconselhável que carregue consigo um caderno de anotações.

De acordo com Schwartz (2002), os principais achados dos estudos que se utilizam do diário são: (i) a maioria dos TOTs é acompanhada de um forte sentimento e uma sensação de *iminência* da palavra; (ii) os TOTs são, geralmente, eliciados por nomes próprios; (iii) muitas vezes são acompanhados de palavras que parecem *bloquear* a palavra desejada; (iv) quase todos são resolvidos de maneira espontânea, ainda que a procura ativa da palavra desempenhe papel importante; e (v) a sua ocorrência aumenta diretamente com a idade dos sujeitos.

Por meio de estudos em diário, de acordo com Brown (2012), chegou-se à conclusão de que os TOTs surgem ao menos uma vez por semana, o que pode ser, a nosso ver, um viés devido ao fato de que os sujeitos da pesquisa estão concentrados em relatar o surgimento dos TOTs, e que o estado de atenção sobre o tema decorrente da participação em uma pesquisa pode influenciar nas próprias características do surgimento dos TOTs, principalmente no que diz respeito à sua ocorrência.

Um estudo clássico, dentre os que se utilizam do diário, é o de Reason e Lucas (1989), que ao retomar a tradição de estudos naturalísticos de Woodworth (1934), se distingue

---

2 Os *totmails* fazem parte de um método de eliciação do fenômeno e referem-se a animais inventados que são associados a nomes, alimentação e hábitos próprios. Desta forma, pede-se ao sujeito que, após a apresentação associativa dos estímulos, recorde os nomes citados.

3 Além dos estudos em diários, outras formas de pesquisar os TOTs em sua ocorrência natural são os questionários de avaliação da memória.

dos demais por abordar o fenômeno em sua realização concreta, não indutiva. Os autores tinham como objetivo pesquisar como as palavras alternativas que surgem como bloqueadoras da palavra desejada interferem no surgimento da mesma. Propõem uma relação entre as palavras bloqueadoras e os TOTs; porém, a interpretação dessa relação ainda não é clara nos estudos atuais.

Ainda que se utilizem de perguntas semelhantes aos estudos laboratoriais, tais estudos em diário possibilitam uma visão sobre os TOTs no uso efetivo da linguagem cotidiana. Estas questões levantadas por esses estudos revelam em que medida se trata do mesmo fenômeno, em seu caráter psíquico e psicológico, quando este é eliciado artificialmente e quando ocorre naturalmente.

### **As reflexões sobre os TOTs anteriores aos estudos empíricos**

Mesmo antes dos estudos empíricos sobre os TOTs (referidos anteriormente), já se refletia sobre o fenômeno. Autores como Woodworth, Freud e o próprio Willian James, baseando-se em episódios de *auto-observação* e também em coletas de dados naturalísticos, já esboçavam as características básicas do fenômeno.

Willian James (1890) foi um dos primeiros autores a escrever sobre os TOTs. A citação que reproduziremos a seguir é amplamente conhecida e referida em grande parte dos estudos que se dedicam a compreender o que ocorre com as palavras que ficam na ponta da língua:

Suppose we try to recall a forgotten name. The state of our consciousness is peculiar. There is a gap therein; but no mere gap. It is a gap that is intensely active. A sort of wraith of the name is in it, beckoning us in a given direction, making us at moments tingle with the sense of our closeness and then letting us sink back without the longed-for term. If wrong names are proposed to us, this singularly definite gap acts immediately as to negate them. They do not fit into its mold. (JAMES, 1890, p. 251)

Buscamos ilustrar, com a citação acima, o fato de que os pontos de discussão mais relevantes no estudo dos TOTs estão postos há mais de um século. Um desses pontos é a singularidade da palavra desejada, que não pode ser substituída à revelia e outro ponto refere-se à sensação causada pela busca da palavra exata. Tal *singularidade*, conforme vemos em James (1890, p. 251), em um trecho posterior, revela-se no vazio da palavra: “the gap of one word does not feel like the gap of another”.

Em outras palavras, estamos falando de um *espaço*, uma lacuna, que não é meramente um *vazio*, mas um *vazio ativo*, mesmo quando não preenchido por palavras; o autor nos fala sobre a ausência que se faz presente na enunciação – a *falha*, que remete a um diálogo sobre o esquecimento, uma ruptura sobre a linearidade do discurso – ruptura que aponta para os limites da memória, nos levando a sentir diferentes graus de iminência com a possível retomada de determinada palavra.

Outro estudioso dos TOTs foi Woodworth (1934). Seu trabalho deu origem a uma perspectiva atualmente conhecida como *The Blocking Perspective*. Em uma releitura do trabalho de Wenzl (apud BROWN; MCNEILL, 1966), o autor sugere que os “nomes falsos” apresentam uma similaridade com o nome buscado, que pode ser um som inicial,

o ritmo da palavra e, algumas vezes, até a “atmosfera da palavra”<sup>4</sup>. Por meio de uma coleção de casos, o autor chega a uma conclusão similar à de Wenzl, acerca de uma lei de retomada da palavra – tal processo se iniciaria com as características mais gerais sobre o nome e, pouco a pouco, avançaria para o específico. Uma vez que a evocação da palavra esteja *em processo*, outras palavras que surgem à mente podem atuar como bloqueadores da palavra-alvo. Para Woodworth (1934), um movimento positivo na resolução dos TOTs seria a desistência na procura da palavra, o que acarretaria o seu aparecimento espontâneo, devido à perda do efeito de recenticidade, responsável pela “vantagem temporária” da palavra intrusa.

Dando continuidade à reflexão sobre os autores que escreveram sobre os TOTs – antes do fenômeno ser estudado empiricamente nos laboratórios – certamente o mais relevante de todos foi Freud (1966 [1901]). Seu método de pesquisa foi absolutamente diferente dos estudos anteriores e também difere dos atuais. Freud fundamentou-se em um conjunto de relatos de casos, coletados a partir de sua própria experiência e da experiência de colegas, nos quais se observavam lapsos de fala e esquecimentos. Em muitos casos, o próprio autor interfere nos relatos, questionando sobre as possíveis ligações entre as palavras esquecidas e as palavras que por vezes surgiam no lugar da palavra desejada.

Segundo Freud, em nosso “afã de recuperar o nome perdido, outros - nomes substitutos – nos vem à consciência; reconhecemos de imediato que são incorretos, mas eles insistem em retornar e se impõem com grande persistência” (1966, p. 19). Tal deslocamento, para Freud, não é arbitrário e pode ocorrer por proximidade a um tema recalcado pelo sujeito. Ao descrever um de seus casos mais famosos, o caso Signorelli,<sup>5</sup> Freud conclui: “*esqueci uma coisa contra minha vontade*, quando queria esquecer intencionalmente a outra” (1966, p. 21).

Talvez o ponto mais importante da análise realizada por Freud, para o nosso estudo, seja o fato de que, além de o nome tocar em algo inesperado<sup>6</sup> ao sujeito, de caráter afetivo, as relações se estabeleceriam por meio de associações superficiais (como a *ambiguidade* ou a *homofonia*). Dessa forma, muitas vezes, um nome é esquecido não somente porque ele desperta motivos, mas porque, em virtude da semelhança fonética ele “toca um outro nome contra o qual se voltam esses motivos” (FREUD, 1966, p. 48). Entre os motivos, o autor destaca o propósito de evitar o desprazer.

Um nome com mais de um sentido e, portanto, pertencente a mais de um grupo de pensamentos (complexos) é muitas vezes perturbado em sua relação com uma sequência de pensamentos, em virtude de sua participação em outro complexo mais forte. (FREUD, 1966, p. 56)

---

4 Os exemplos do autor para se referir a essa “atmosfera da palavra” são *elegant, aristocratic, commonplace, gloomy, foreign*.

5 Neste caso, Freud buscava a palavra Signorelli para se referir ao artista que pintou os afrescos das “Quatro Últimas Coisas” na catedral de Orvieto (1966, p. 20). Em vez desse nome, o autor refere que os nomes de outros dois pintores surgiram na memória, Botticelli e Boltraffio.

6 Freud utiliza-se do termo “complexo” para descrever de que maneira as palavras se ligam afetivamente a sua história. Para o autor, os complexos perturbadores mais efetivos são aqueles que tocam no complexo profissional (ex: o esquecimento da palavra “Nervi”, por sua semelhança com Nervos), no complexo familiar (ex: o esquecimento de “Rosenhein”, quando sua irmã se chama Rosa), e no complexo pessoal (ex. O esquecimento motivado pela semelhança fonética com um outro nome ao qual se tem afeto).

O impacto dessa afirmação pode ser crucial para a dicotomia entre os aspectos sonoros e os aspectos semânticos presente nos estudos dos TOTs, que formam a base dos modelos cognitivos de processamento lexical. Apesar da relevância dessa hipótese, ela não se desenvolve na literatura contemporânea dos TOTs.

O que se pode perceber, nos três autores citados, é que eles já mobilizavam grande parte das questões que continuam a ser abordadas pelos estudos dos TOTs (e, de fato, colocavam outras discussões originais), talvez por abordar o fenômeno em seu caráter mais qualitativo. Se, por um lado, não havia comprovações empíricas que permitissem legitimar as hipóteses lançadas, por outro, percebe-se que os autores refletiam sobre o evento em seu caráter *real*, cotidiano, trazendo reflexões relevantes que serviram para compor as próprias características funcionais dos TOTs.

### **O discurso monológico sobre o saber científico**

Utilizaremos o termo “discurso monológico” para nos referir ao discurso que se situa no extremo oposto do discurso dialógico (SOBRAL, 2009). Apesar de não existir em sua forma pura, pois não há discurso constituído em uma só voz, o estudo monológico se volta para a “neutralização” das vozes que o constituem, “criando o efeito de instauração de uma só voz como dominante” (SOBRAL, 2009, p. 38). No caso das referências mobilizadas neste artigo, percebe-se que diferentes concepções científicas de estudos originais – como os de Freud, Woodworth e Wenzl – tornaram-se dissonantes frente a um saber que se avalia como científico, que se destina a comprovar modelos componenciais, por meio da sistematicidade e repetibilidade dos TOTs. Não são ocasionais as palavras de Brown e McNeill (1966, p. 326) sobre os estudos de Woodworth e Wenzl:

Wenzl and woodworth had work with small collections of data naturally occurring TOT states. This data were, for most part, provided by the investigators: Were collected in a unsystematic fashion: And were analysed in an impressionistic non quantitative way [...]. (BROWN; MCNEILL, 1966, p. 326)

De acordo com Schwartz (2002), a metodologia desenvolvida por Brown e McNeill definiu os parâmetros dos estudos sucessores sobre os TOTs e também sobre a temática do acesso lexical. Diferentemente dos estudos de outros fenômenos da (meta) memória, tal como o chamado FOK (*Feeling of Knowing*), que tem sido estudado mais como um evento relacionado à memória do que ao acesso lexical.

Se, por um lado, o estudo de Brown e MacNeill (1966) tem o mérito de ser pioneiro ao propor uma metodologia amplamente replicada e bem sucedida dentro de um paradigma quantitativo, daí decorre que os estudos que se seguiram concentraram esforços em um mesmo tipo de condução, tornando monológico o discurso sobre os TOTs, em que muitas vezes até esquece-se que o fenômeno em seu contexto não está sendo observado. De certa maneira, observa-se uma ruptura na forma de estudar os TOTs, a partir da qual se replica uma determinada maneira de se pensar o acesso e o domínio lexical. Conforme se pretende demonstrar, tal concepção teórica se encontra, metodologicamente, desde o seu início, presa às bases do trabalho de Brown e McNeill (1966).

No artigo de Brown e McNeill (1966), foram postuladas as primeiras hipóteses para explicar o que ocorre no processamento lexical, quando as palavras estão “na ponta

da língua”. Para os autores, que a esse respeito se apoiam nos estudos de Katz e Fodor (1963), a memória de longo termo seria equivalente a um dicionário sendo que, neste caso específico, não organizada por uma entrada alfabética, mas como se fosse um jogo de cartas que acompanham e compartilham caracteres comuns, semanticamente ligados entre si. Dessa forma, conforme se pode ver na citação abaixo, não seria um dicionário qualquer:

In real dictionaries, those that are books, entries are ordered alphabetically and bound in place. Such dictionary an arrangement is too simple and too inflexible to serve as a model for a mental dictionary. We will suppose that words are entered on key sort cards instead of pages and that the cards are punched for various features of the words entered. (BROWN; MCNEILL, 1966, p. 333)

Ainda que o fenômeno das palavras na ponta da língua possa estar situado, como bem refere Schwartz (2002), entre memória, linguagem e consciência, a maior parte dos estudos posteriores também se destina à elaboração de princípios e modelos de processamento lexical, em que este é visto, por vezes, isoladamente, como se fosse instâncias modulares independentes. Tal descrição isolada dos eventos é comum na literatura neuropsicológica, sendo reflexo da visão modular<sup>7</sup> da mente humana e dos modelos de processamento linguístico utilizados, que tentam isolar processos complexos e inter-relacionados (como os citados acima), buscando as áreas por eles responsáveis, como se não fizessem parte de um todo integrado funcionalmente.

Segundo Novaes-Pinto (2009), uma concepção de léxico como “lista de palavras” ou “dicionário mental” parece estar subjacente, enquanto modelo, à maioria dos trabalhos que lidam com a chamada *memória semântica* e com o acesso lexical, mesmo na atualidade. Tal concepção de léxico “influencia ou limita o modo de entender o seu funcionamento, bem como a intrínseca relação do léxico com outros níveis linguísticos e com os demais processos cognitivos” (NOVAES-PINTO, 2009, p. 25).

Uma revisão crítica do *estado da arte* com relação aos estudos dos TOTs nos leva, portanto, a verificar uma carência – talvez melhor dizendo, uma ausência – de abordagens que: (i) tenham caráter qualitativo; (ii) lidem com uma perspectiva dialógica; (iii) concebam a linguagem e, conseqüentemente, o léxico, não como um sistema abstrato, mas constituído sócio-histórico-culturalmente; (iv) sejam compatíveis com a concepção de cérebro como um sistema funcional complexo no qual a linguagem seja vista como mediadora e constitutiva das demais funções complexas superiores. Os próximos tópicos deste artigo visam explicitar essas questões.

## **A perspectiva histórico-cultural de processos relativos à linguagem**

Não faremos, neste momento, uma análise valorativa entre os paradigmas quantitativos e qualitativos. O objetivo, neste artigo, é mostrar como o fenômeno dos TOTs vem sendo abordado e nos posicionar frente à necessidade de se eleger uma metodologia que seja compatível com os pressupostos da Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva que desenvolvemos; abordagens que podem até ser consideradas como com-

<sup>7</sup> De acordo com Noguchi (1997), o princípio básico da modularidade humana determina que a mente é formada de componentes autônomos, podendo cada um ser estudado de maneira seletiva, principalmente em lesões restritas a determinadas áreas cerebrais.

plementares, desde que amparadas por boas análises; essa é uma discussão já contemplada por vários pesquisadores de áreas afins, como podemos observar, pelas palavras de Abaurre:

[...] Que informações relevantes para a compreensão do processo poderiam ficar escondidas nos dados quantitativos e ser eventualmente reveladas por análises mais centradas em casos, em episódios, em eventos singulares por vezes ricos de valiosos indícios do processo que se busca entender? É claro que a questão pode ser formulada também ao contrário: O que os estudos de dados episódicos não conseguem ver sobre o processo de aquisição? Penso que as duas medidas devem ser, em certa medida, complementares. [...] Em suma, há análises boas e há análises ruins e isso independe da opção pela quantificação ou pela abordagem casual dos dados. (ABAURRE, 1998, p. 231)

O estudo dos TOTs, como já dissemos, já vem se beneficiando das análises quantitativas; portanto, o que falta é justamente um novo olhar, uma nova perspectiva que aborde o fenômeno qualitativamente. Essa nova orientação será, em relação aos estudos como o de Brown e McNeill (1966) – bem como aos anteriores a este – sempre *responsiva* (BAKHTIN, 1997). O referencial histórico-cultural, que nos orienta neste ensaio, tem como fio condutor os estudos de Bakhtin (1997) e de Vygotsky (2009). De acordo com Freitas (2010), tal referencial busca compreender os sentidos que são construídos e compartilhados historicamente, nas práticas sociais.

Vygotsky (2009) assinala que apenas a *descrição* de um fenômeno não basta; precisa ser complementada por uma *explicação*. Os fatores externos – os *fenótipos* de um fenômeno – podem ser descritos, mas há que se estabelecer relações causais, que expliquem os processos em sua gênese - seus *genótipos*. Isto implica compreender os aspectos dinâmico-causais, transformadores, do fenômeno em seu processo histórico. A necessidade de abordar problemas científicos de forma diferente da usual na psicologia é ressaltada pelo autor, assim como as consequências de uma nova abordagem, o que levaria inevitavelmente a “novos métodos de investigação e análise” (VYGOTSKY, 2009, p. 59). Uma abordagem coerente com essa interpretação histórico-cultural dos processos humanos é a chamada *análise microgenética*, sobre a qual Góes afirma:

[...] A caracterização mais interessante da análise microgenética está numa forma de conhecer que é orientada para minúcias, detalhes e ocorrências residuais, como indícios, pistas, signos de aspectos relevantes de um processo em curso; que elege episódios típicos ou atípicos (não apenas situações prototípicas) que permitem interpretar o fenômeno de interesse; que é centrada na intersubjetividade e no funcionamento enunciativo-discursivo dos sujeitos; e que se guia por uma visão indicial e interpretativo-conjetural. (GÓES, 2000, p. 21)

Ainda segundo a autora, essa análise não seria *micro* em referência à duração dos eventos, mas sim pela sua atenção às minúcias indiciais, como pistas, signos de aspectos relevantes de situações que podem ser típicas ou atípicas (não apenas prototípicas), e que pode orientar-se para o funcionamento enunciativo-discursivo. É importante esclarecer que a procura de minúcias indiciais não é o mesmo que identificar elementos isolados (GÓES, 2000). Mais do que a análise dos elementos e de suas leis de associação, a abordagem microgenética propõe o estudo das unidades, definidas como a instância que, sendo apenas parte, carrega em si propriedades do todo.



Para outro autor essencial nessa abordagem, Bakhtin (1997), todo texto requer um movimento dialógico, de *compreensão responsiva*, que não pode prescindir de um outro. A atividade de pesquisa deve constituir-se como um diálogo entre pesquisador e pesquisado, sem que o texto de um não faça desaparecer o do outro. De acordo com Bakhtin:

A compreensão do todo do enunciado e da relação dialógica que se estabelece é necessariamente dialógica (é também o caso do pesquisador nas ciências humanas); aquele que pratica ato de compreensão (também no caso do pesquisador) passa a ser participante do diálogo, ainda que seja num nível específico (que depende da orientação da compreensão ou da pesquisa). [...] O observador não se situa em parte alguma fora do mundo observado, e sua observação é parte integrante do objeto observado. (BAKHTIN, 1997, p. 355)

Ao optarmos pelo referencial Bakhtiniano, elege-se como célula de estudo o *enunciado*, a “unidade real da comunicação verbal”. Dito de outra forma, pretende-se analisar as palavras em seus contextos concretos, mesmo aquelas que porventura não se materializaram no fio do discurso, mas que de alguma forma estão presentes no ato/evento enunciativo. Dentro dessa concepção, o vazio ativo da palavra, preenchido ou não por *palavras outras* (PONZIO, 2010), tem existência real enquanto texto, presente no discurso (ainda que interior), sendo, da mesma forma, *singular e irrepitível* (BAKHTIN, 2010).

[...] As pessoas não trocam orações, assim como não trocam palavras (numa acepção rigorosamente linguística), ou combinações de palavras, trocam enunciados constituídos com ajuda de unidades da língua – palavras, combinações de palavras, orações. Mesmo assim, nada impede que o enunciado seja constituído de uma única oração, ou de uma única palavra, por assim dizer, de uma única unidade de fala (o que acontece sobretudo na réplica do diálogo), mas não é isso que converterá uma unidade da língua numa unidade da comunicação verbal. (BAKHTIN, 1997, p. 297)

De acordo com Bakhtin (1997, p. 386), as palavras contêm em si uma *potência* de sentido, revelado somente na sua *responsividade*; o sentido é definido como aquilo “que é resposta a uma pergunta”. Pois “o que não responde a nenhuma pergunta carece de sentido”. Sendo assim, o autor diria que toda significação contém em si este potencial de sentido e a palavra, fora do seu contexto, não é mais do que uma abstração do seu potencial. Vejamos o que diz o autor a esse respeito:

O sentido é potencialmente infinito, mas só se atualiza no contato com outro sentido (o sentido do outro), mesmo que seja apenas no contato com uma pergunta no discurso interior do compreendente. Ele deve sempre entrar em contato com outro sentido para revelar os novos momentos de sua infinidade (assim como a palavra revela suas significações somente num contexto). (BAKHTIN, 1997, p. 387)

Da mesma forma, para Luria (1987), de um ponto de vista psicológico, a palavra não se esgota no seu significado imediato. Cada palavra tem um significado próprio, chamado de “sentido”, em oposição ao “significado referencial”. O “sentido” seria ligado inevitavelmente à experiência afetiva do sujeito. A experiência individual do sujeito contribui para o significado da palavra.<sup>8</sup> Essa concepção luriana está em consonância com

8 Luria (1987, p. 46) exemplifica este conceito dizendo que a palavra “corda” possui sentidos diferentes ao sujeito que deseja empacotar uma compra e ao sujeito que necessita sair de um fosso. Para este último, é um instrumento de salvação.

a abordagem sócio-histórica inerente aos postulados de Vygotsky. Para este, as palavras não podem ser instâncias estáticas, porque se constituem em um aparelho que reflete o mundo externo em seus enlaces e relações. Na medida em que o homem se desenvolve, os significados se modificam e, por consequência, isso também modifica o reflexo desses enlaces que determinam a estrutura da consciência.

A relação entre o pensamento e a palavra não é uma coisa, mas um processo, um movimento contínuo de vaivém do pensamento para a palavra, e vice-versa. Nesse processo, a relação entre o pensamento e a palavra passa por transformações que, em si mesmas, podem ser consideradas um desenvolvimento no sentido funcional. O pensamento não é simplesmente expresso em palavras; é por meio delas que ele passa a existir. (VYGOTSKY, 2005, p. 156)

De acordo com esses referenciais, se propõe que as palavras que estão na “ponta da língua” não sejam estudadas como células meramente estruturais, mas como unidades lexicais esculpidas historicamente e na singularidade de cada enunciado. A palavra não somente referencia o objeto (e nem serve apenas de comunicação ou ao pensamento), mas “consiste em um instrumento poderoso de análise deste mundo. Ao transmitir a experiência social relacionada com o objeto, a palavra nos leva além dos limites da experiência sensível” (LURIA, 1987, p. 40). Esse é, portanto, o lugar fundamental que a palavra vem a ocupar na formação da consciência humana.

As concepções apresentadas anteriormente dialogam com os pressupostos teóricos da Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva,<sup>9</sup> que é constituída por um conjunto de teorias (e práticas) que se distanciam da visão organicista da linguagem, postulando um sujeito sócio-histórico. Concebe a língua, o discurso, o cérebro e a mente como relacionados entre si (COUDRY, 2008). A maioria dos estudos sobre os TOTs adotam uma visão sobre a linguagem que não valoriza o processo interativo-dialógico, portanto dissociada da historicidade social que lhe é própria, ou seja, retira da linguagem justamente o seu sujeito (ou retiram do sujeito a sua língua).

O próximo ponto, que fecha este artigo, discutirá a possibilidade de situar o estudo dos TOTs em uma metodologia qualitativa, aliada ao referencial histórico-cultural apresentado.

### **O fenômeno das *palavras na ponta da língua* na perspectiva sócio-histórica**

Tendo já discutido a importância de considerarmos o referencial teórico-metodológico histórico-cultural para os estudos dos TOTs, passamos a refletir como o estudo desse fenômeno pode ser coerentemente realizado nessa perspectiva.

A perspectiva microgenética prevê uma forma de estudar dialogicamente os eventos, por meio de dados obtidos em recortes de sessões videogravadas, pois estas possibilitam analisar minúcias indiciais que muitas vezes não podem ser percebidas no próprio momento da interação dialógica. Não é necessário apenas mudar o material de análise

---

9 A denominação “Neurolinguística Discursiva” também tem sido utilizada em referência aos trabalhos realizados no IEL, para diferenciá-los das abordagens tradicionais. Dentre os principais temas da neurologia discursiva, desenvolvida a partir dos trabalhos de Coudry, na década de 80, estão a avaliação das alterações de linguagem e as questões relativas às condutas terapêuticas.

ou, ainda, a forma de registro dos dados. A mudança altera a relação entre o pesquisador e o pesquisado, como propõe Vygotsky, no sentido de que o método é simultaneamente “pré-requisito, produto, instrumento e resultado de um estudo” (VYGOTSKY, 2009, p. 74) e de acordo com a concepção de linguagem como um trabalho conjunto, de natureza dialógica, que pressupõe a existência de um “outro” e de um sistema que é constituído de maneira social, esculpido nos enlaces históricos compartilhados.

Com o objetivo de compreender *processos* e não apenas *produtos*, conforme mencionado anteriormente, os TOTs podem ser diferencialmente analisados se eliciados por meio de diferentes práticas interativas e dialógicas (utilizando-se de expedientes como charges, jogos, fotos e gêneros diversos). Mesmo que se utilize das mesmas formas clássicas de eliciação – como as definições ou associações de termos – esses diferentes expedientes de apresentação estão em consonância com a concepção de linguagem como *atividade* que considera o trabalho de cada sujeito sobre os recursos da língua, na produção dos enunciados. Diferentes procedimentos avaliativos podem ser realizados, direcionados especificamente para as indagações que surgem durante o experimento e que contribuam para a compreensão dos processos.

Além das categorias sistematicamente já pesquisadas (primeira letra, número de sílabas, etc.), acreditamos que os experimentos para eliciação dos TOTs possam ser modificados, a fim de se compatibilizarem com nosso objetivo de compreender o processo, incluindo informações de natureza qualitativa – a partir da análise das pistas que emergem e pela introdução de *obstáculos*, expediente muito utilizado por Vygotsky (1984) – pois isso possibilita o desenvolvimento de caminhos alternativos e muda a dinâmica dos métodos rotineiros de solução dos problemas.

A etapa atual da nossa pesquisa<sup>10</sup> se caracteriza justamente por desenvolver uma metodologia para abordar os TOTs qualitativamente. Dentre as possibilidades pensadas, citamos a recuperação de determinadas palavras por meio das pistas deixadas nos episódios em que elas aconteceram, tanto em situações experimentais quanto em situações naturais.

Embora não seja ainda conclusiva, a análise inicial de alguns enunciados já indica como a condição da afasia pode nos ajudar a compreender os TOTs, de forma singular. Uma das questões se relaciona à frustração e até mesmo ao *sofrimento*, pela recorrência do fenômeno para o sujeito afásico. Fora da afasia, além de ter baixa recorrência, a falta da palavra pode ser resolvida de muitas formas, a depender de sua relevância naquele determinado momento da enunciação. Na afasia, entretanto, além da alta recorrência do fenômeno, os processos alternativos muitas vezes não são bem-sucedidos e o *querer-dizer* não encontra palavras-outras (no sentido ponziano) que o ajudem a significar.

Uma outra forma que encontramos para desenvolver a pesquisa qualitativa dos TOTs foi a de registrar relatos retrospectivos de situações em que ocorrem, o que garantiria, nos parece, que o episódio foi relevante para o sujeito. Para registrar esses dados, desenvolvemos

---

10 Refiro-me, aqui, ao doutorado (em andamento) realizado no programa de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL-UNICAMP), orientado pela professora Dra. Rosana do Carmo Novaes Pinto. Tal projeto intitulado “Palavras na ponta da língua – Uma abordagem Neurolinguística” recebe financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Processo FAPESP n. 2011/08868-4). Como metodologia, esse projeto prevê também a constituição do *corpus* com dados de sujeitos afásicos obtidos nas sessões individuais e coletivas do Grupo III do CCA (Centro de Convivência de Afásicos).

um *blog* (Figura 1), chamado “As palavras na ponta da língua<sup>11</sup>” que, além de servir como ponto de apoio para a divulgação da pesquisa em andamento, tem também como objetivo possibilitar o acesso do sujeito pesquisado ao protocolo de pesquisa. Há uma sessão que permite ao usuário participar da pesquisa relatando um momento em que uma determinada palavra esteve na ponta da língua e também dar informações subjetivas relativas a ela – como a importância que tinha na situação, que outras palavras lhe vieram à mente enquanto “buscava” a palavra-alvo e como solucionou a dificuldade. Dessa forma, é esperado que o caráter qualitativo dos relatos seja realçado de forma diferente dos demais estudos em diário, nos quais as perguntas exigem respostas de caráter objetivo. No caso de nossa pesquisa, o sujeito é esclarecido, pelas instruções e exemplos, sobre o tipo de informação relevante para a pesquisa.



Figura 1 - Tela de apresentação do Blog “As palavras na ponta da língua”

Para encerrar este artigo, que defende uma perspectiva teórico-metodológica de referência sócio-histórico-cultural na pesquisa sobre os TOTs, é importante reafirmar que o estudo qualitativo das funções psicológicas superiores ainda é um desafio e configura-se como uma demanda para ultrapassar modelos redutores. Este artigo privilegiou as questões metodológicas para a abordagem dos TOTs, mas esperamos que, em breve, nossa pesquisa sobre o fenômeno das palavras “na ponta da língua” possa contribuir para esclarecer aspectos do funcionamento linguístico-cognitivo, um dos principais interesses dos estudos neurolinguísticos.

## REFERÊNCIAS

ABAURRE, M.B.M. Posfácio: A aquisição da escrita do português – considerações sobre diferentes perspectivas de análise. In: ROJO, R. (Org.) *Alfabetização e Letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 205-232.

<sup>11</sup> Para acessar ao blog basta ir para o endereço: <http://palavrasnapontadalingua.blogspot.com.br>

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Para uma Filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

BROWN, R.; MCNEILL, D. The “tip of the tongue” phenomenon. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behaviour*, p. 325-337, 1966.

BROWN, A. S. *The tip of the tongue state*. New York, NY: Psychology Press, 2012.

COUDRY, M. I. H. Afasia como tradução. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, BA, v. 6, p. 7-36, 2008.

FREITAS, M. T. A. Discutindo sentidos da palavra intervenção na pesquisa de abordagem histórico-cultural. In: FREITAS, M. T. A.; RAMOS, B. S. (Org.) *Fazer pesquisa na abordagem histórico-cultural: metodologias em construção*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2010. p. 13-24.

FREUD, S. Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. In: *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1966.

GÓES M. C. R. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: Uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. *Cadernos Cedes*, ano XX, p. 9-25, 2000.

KATZ, J. J.; FODOR, J. A. The structure of a semantic theory. *Language*, v. 39, p. 170-210, 1963.

JAMES, W. *Principles of psychology*. New York: Holt, 1890.

LURIA, A. R. *Pensamento e Linguagem: as últimas conferências de Luria*. São Paulo: Artmed, 1987.

NOVAES-PINTO, R. *Dificuldades de encontrar palavras e produção de parafasias nas afasias e nas demências: inferências para o estudo da organização e do acesso lexical*. Projeto de Pesquisa Individual (CNPq) – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 2009.

NOGUCHI, M. S. *A linguagem na Doença de Alzheimer: considerações sobre um modelo de funcionamento linguístico-cognitivo*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

PONZIO, A. *Procurando uma palavra outra*. São Carlos, SP: Pedro e João, 2010.

REASON, J. T. ; LUCAS, D. Using cognitive diaries to investigate naturally occurring memory blocks. In: HARRIS, J. E.; MORRIS, P. E. (Ed.). *Everyday memory, actions and absent mindedness* San Diego: Academic Press, 1984. p. 53-69.

SOBRAL, A. *Do dialogismo ao gênero; as bases do pensamento de círculo de Bakhtin*, Campinas: Mercado de Letras, 2009.

SCHWARTZ, B. L. *Tip-of-the-tongue states: phenomenology, mechanism, and lexical retrieval*. Ney Jersey: LEA, 2002.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987/2005.

\_\_\_\_\_. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984/2009.

WOODWORTH, R. S. *Psychology*. New York: Holt, 1934.